



CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

**ELIANI MIRANDA DA COSTA OLIVEIRA (LICA)**

(depoimento)

2014

## FICHA TÉCNICA

ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
---

Entrevistada: Eliani Miranda da Costa Oliveira (Lica)

Entrevistador: Marcelo Tavares

Local da entrevista: Botafogo Praia Shopping, Rio de Janeiro, RJ

Data da entrevista: 14/08/2014

Processamento da Entrevista: Marcelo Tavares

Páginas Digitadas: 23 páginas

Número da entrevista: E460

Data da autorização para publicação no Repositório:

Copidesque: Isabela Lisboa Berté

Informações complementares:

Observações:

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Marcelo Luís Ribeiro Silva Tavares intitulada *Mulheres em Manchete: a potência da geração de voleibol dos anos 1980* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em maio de 2015.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.
--

## **SUMÁRIO**

Iniciação no esporte; Experiência na geração do vôlei na década de 1980; Trajetória esportiva; Influências da família; Participação nos Jogos Olímpicos; Dificuldades; Atuação na Seleção Brasileira; Articulação entre carreira e vida pessoal; Percepções em torno do corpo atlético; Rotina de treinamento; Diferenças entre o vôlei masculino e feminino; Legado da geração de 1980 para o vôlei brasileiro; Aposentadoria como atleta e transição para carreira como jornalista e atriz.

M.T. – Lica, o que te levou ao voleibol?

L.O. – Bom eu sempre gostei muito de esporte, sempre gostei muito de brincar na rua. Eu morava no subúrbio do Rio de Janeiro, em Realengo e meu pai foi sempre um apaixonado pelo esporte. Eu e minha irmã sempre frequentamos colônias de férias, a gente morava próximo à Vila Militar e sempre tinha colônia de férias na Vila Militar e também na Aeronáutica e desde cedinho desde oito, nove anos a gente sempre participava. E aí, no colégio, eu estudava no colégio Arte e Instrução, em Cascadura, que também tinha um professor de Educação Física que na época também participava da seleção brasileira de atletismo, o Lanceta. A princípio ele me levou para fazer atletismo na Gama Filho porque ele achou que eu tinha um porte atlético [risos]. Primeiro me levou para Gama Filho e logo depois para o Fluminense, que eram as duas equipes que ele trabalhava. Então, eu com doze anos correndo e sem entender direito porque ficava toda dolorida, falava: “Mãe, esse negócio de atletismo não dá certo”. Eu ainda não entendia que se tratava do processo do ácido láctico [risos] e a minha mãe muito menos. Aí eu fiquei meio desanimada com o atletismo e acabei ficando só uns dois meses, eu acho, e desisti. Aí, nessa época, rolou um campeonato de vôlei entre as turmas do colégio, eu era da sexta série e minha equipe da sexta série foi campeã ao vencer a oitava série. Logo, nos sentimos o máximo da escola: “A sexta série ganhando da turma da oitava série e tinham duas meninas federadas, inclusive na turma da oitava série”. Logo, a gente resolveu procurar um clube pra jogar. Aí descobri que o clube que meu pai era sócio, que a nossa família era sócia, o Cassino Bangu, tinha uma equipe de vôlei. Tinha até juvenil ou infanto, eu acho e nessa época eu tinha doze para treze anos, eu acho que faria treze anos naquele ano de 1977. Aí eu fui com mais duas amigas procurar o técnico. Fizemos lá um teste e colocaram a gente no time: “Ó, tem jogo domingo”. Caramba, já tem jogo domingo e já entramos direto no time. Acabou que só eu continuei. Joguei o primeiro ano, no ano seguinte puxei minha irmã, que também começou a jogar e dali foram vinte e um anos nessa brincadeira [risos]

M.T. – Você teve contato com alguma outra prática esportiva antes de escolher o voleibol?

L.O. – Sim, o atletismo.

M.T. – Quando você começou a jogar e por qual clube?

L.O. – Então, comecei a jogar em 1977, pelo Cassino Bangu.

M.T. – E com quem você começou a jogar voleibol?

L.O. – Minha primeira treinadora foi a Ozélia, que ficou cerca de três meses. Logo em seguida assumiu o Paulinho, que foi realmente meu primeiro técnico de voleibol, no Cassino Bangu [Risos].

M.T. – E como era ser jogadora de voleibol na década de oitenta, Lica?

L.O. – Bom, era aquela fase de transição, que o voleibol estava começando a ser transmitido pela TV. Então, era uma modalidade muito complicada de ser televisionada por causa da vantagem e os jogos demoravam muito. Um jogo poderia durar uma hora e meia e poderia chegar a quatro horas, então era bem complicado. As pessoas não conheciam direito. Em casa mesmo a minha mãe, logo no início, me perguntava quantas cestas eu tinha feito no final do jogo. Depois ela se tornou uma aficionada pelo voleibol, você sabe muito bem. [risos]. Mas, no início eu tinha que explicar: “Mãe, voleibol é o da rede no meio, basquete que é o da cestinha”. Aí ela dizia: “Ah, é isso mesmo”. Naquela época só passava futebol na TV e a década de oitenta representou bem essa transição. Foi a época das musas. Eu comecei a jogar em 1977 e em 1980 já estava na minha primeira seleção brasileira, que era a seleção brasileira de novos. Aí eu já tinha mudado de clube, já não estava mais jogando no Cassino Bangu, onde fiquei por dois anos. Em 1979 eu fui pro Monte Sinai e aí no Monte Sinai foi que aconteceu a minha primeira convocação. No Monte Sinai eu ganhei meu primeiro campeonato carioca, fui campeã infanto-juvenil, isso deu um “upgrade” e eu comecei a jogar infanto, juvenil e adulto. Jogava nas três categorias e tive minha primeira convocação tanto pra seleção carioca adulta, seleção carioca juvenil e uma seleção adulta de novos brasileira, que excursionou pela Europa e foi assim fantástico. Então, acho que a década de oitenta para mim foi realmente tudo, foi um período de transição não só meu como do voleibol em si. Eu acho que a modalidade teve um crescimento fantástico na década de oitenta.

M.T. – Lica descreva sua trajetória esportiva desde o começo até o momento de parar?

L.O. – Então, é essa história. Desde que comecei sempre tive muito apoio dos meus pais e eu acho que isso é fundamental, até porque eu morava longe. Eu mudei para a zona sul em 1981. Até então... Eu comecei a jogar em 1977. Por dois anos joguei lá no clube próximo ao meu bairro. Logo em seguida eu fui jogar na Tijuca e depois no Flamengo, na Gávea e somente quando eu fui jogar no Flamengo é que minha família veio morar na zona sul. Até então tinha que contar com o apoio do meu pai e da minha mãe, hora pra buscar levar, enfim, meu pai sempre deu muita força, então, eu me divertia muito, me dava muito bem com as meninas... Eu tinha lá treze, quatorze anos, aí tinha uma festa no sábado, por exemplo. Davam onze horas eu dizia: “Gente, eu tenho que ir embora que amanhã eu tenho jogo”. Sei lá, por volta das nove da manhã e tinha que acordar às sete e eu ia amarradona, entendeu? Eu estava feliz da vida, nunca achei que eu perdi nada por conta do vôlei, muito pelo contrário, eu acho que eu ganhei muita coisa: não me atrapalhou os estudos. Eu terminei o ensino médio com dezesseis para dezessete anos. Passei no vestibular, que na época era CESGRANRIO, passei para a Rural, que foi minha primeira faculdade, de Educação Física. Isso jogando seleção, treinando pra caramba. Dei meu jeito e consegui passar. Então, o vôlei na minha vida, praticamente foram vinte e um anos, me fez amadurecer dentro do esporte. Tudo que eu aprendi ali, a relação interpessoal, esse perde e ganha... O voleibol é um esporte que você não pode errar. Errou é ponto pro outro e enfim é perder um jogo, amanhã você tem outro e você tem que recuperar rápido. Tudo isso eu trouxe pra minha vida. Hoje eu sou formada em Jornalismo, sou atriz e eu carrego, eu vejo que eu tenho uma postura, eu tenho uma relação muito forte com as coisas que eu faço, ou seja, no teatro e em qualquer meio que eu chego eu tenho uma facilidade muito grande de me relacionar com as pessoas de entender o momento e até algumas vaidades, enfim eu acho que eu lido muito bem com isso por conta de ter passado vinte e um anos com equipes de mulheres [risos] que não é nada fácil. Concentrações mil pelo Brasil e fora do Brasil e viajando pra caramba, um mês, dois meses fora e um mês em casa. Eu acho que tudo isso me deu muito, muito lastro pra seguir entendeu? E eu trago muito dessa coisa da atleta hoje pra Lica Oliveira, atriz e jornalista.

M.T. – E por quais clubes você jogou?

L.O. – Então, Cassino Bangu, depois Monte Sinai por muitos anos. Tem que ter bateria aí, não? (risos). Depois, Flamengo, Supergasbrás, Lufkin, Atlantictur, Colgate Pão de Açúcar. Aí eu fui para a Itália e joguei no Perugia. Depois do Perugia eu fui jogar outra temporada na Itália no Sumirago, que é complexo Sumirago, Imet e Perugia, que eram os patrocinadores. Aí eu voltei pro Brasil e fui jogar em Minas. Joguei no L'acqua di Fiori por dois anos. Depois fui para Ribeirão Preto e joguei uma temporada pela Recra Transmontano. Quando eu pensei que eu fosse parar eu fui para o Pinheiros e logo depois comecei a minha trajetória artística. Nesse meio tempo que eu achei que eu queria voltar pro Rio, ensaiei um volezinho de praia e joguei duas temporadas, mas vi que era muito complicado você montar toda uma estrutura na praia, depois da quadra. Eu teria que começar tudo de novo e eu achei que não era bem isso que eu queria. Nesse meio tempo eu comecei a fazer os cursos de atriz, retornei para a faculdade de jornalismo e recebi um convite do Paulistano que já estava para entrar no campeonato brasileiro e já tinha disputado o campeonato paulista e brasileiro. Eu disse: “Oh, tô parada um tempo”. Mas eu nunca me descuidei fisicamente, sempre mantive a parte física em dia o que me facilitou. Então encerrei minha temporada no Paulistano em 98/99.

M.T. – E quais pessoas foram importantes ao longo da sua trajetória para consolidação da tua carreira?

L.O. – As pessoas mais importantes, minha família, o número um meu pai, minha mãe, minha irmã, meus companheiros também, meu primeiro marido, o Chico também que trabalhou com vôlei e hoje trabalha com basquete. Foi praticamente nessa época que eu me casei, a gente se conheceu em 83, eu casei em 89 e ficamos casados até 2006. Então, tem o fato dele ter sido jogador e técnico também e isso me ajudou bastante, tanto na parte técnica quanto na parte psicológica. Os meus técnicos também que eu sempre tive uma relação muito boa com todos os técnicos, não posso, não tenho o que dizer. Trabalhei com grandes nomes do voleibol que estão até hoje aí. Trabalhei com Bernardinho, trabalhei com Zé Roberto, trabalhei com o Ênio Figueiredo, já falecido, trabalhei com Jorjão, Marco Aurélio, Radamés, trabalhei com todos que estão até hoje e que são tops, tem o Cebola, enfim, trabalhei com os tops. Os preparadores físicos também. Infelizmente hoje eu tenho uma condromalácia patelar, mas ainda há pouco eu estava brincando com o Baca, que hoje está na CBF, que é um craque de tudo: “Não tenho culpa do seu joelho”. Eu sei que você não tem culpa, eu consegui jogar 21 anos sem operar

nada, mas não tem como porque atacar duzentas bolas por dia, o corpo humano não foi feito para isso, mas, enfim, acho que todos eles, cada um contribuiu um pouquinho. As jogadoras, eu sempre tive uma relação muito boa, hoje quando eu abro esse face... E não só aqui no Brasil como fora do Brasil, ontem mesmo eu acabei de receber no face uma mensagem da Carmem Pimentel que foi uma peruana dos áureos tempos do Peru e que eu tive oportunidade de jogar, ela foi minha levantadora lá em Sumirago, na Itália e ela foi da geração poderosa do Peru, campeã sul americana e vice-campeã olímpica e é minha amiga. Ela está morando na Itália ainda. Joguei com a irmã do goleiro Buffon, enfim, esse facebook é uma ferramenta fantástica e eu vejo assim o quanto de amizades eu fiz pelo mundo e isso é muito legal [risos].

M.T. – Como foi a participação da família ao longo da sua trajetória?

L.O. – Tudo. Simples assim. A palavra da minha família é tudo, sempre foi tudo. No voleibol foi muito porque eu via assim, a minha família jogava junto. Jogávamos eu e minha irmã, chegamos a jogar na mesma equipe, chegamos a ser adversárias e minha família era daquelas assim de arquibancada. Meu pai era a figura da arquibancada conhecido por todos no Brasil inteiro porque ele torcia pra valer, mas nunca foi de passar a mão na nossa cabeça, se eu jogasse mal ele era o primeiro a falar. “Hoje você não jogou nada”. [risos] “Vamos melhorar isso aqui, vamos melhorar aquilo ali”. Mas se eu jogasse bem também ele era o primeiro a me levar, entendeu? Então assim eu acho que isso é muito importante a participação dos pais, eu acho que é fundamental. A minha mãe também não entendia nada depois... Hoje ela é uma apaixonada, a gente parou de jogar ela continua indo ao ginásio, ela adora todos os jogadores ela não perde um jogo, ela está em todas. A gente fez um encontro e ela foi a única mãe que foi pro encontro das meninas e fez discurso e tudo e ela realmente era... Quando eu comecei o uniforme você tinha que treinar e levava o uniforme pra lavar em casa, não tinha essa coisa de hoje, depois teve uma fase que o vôlei ficou com toda uma infra, mas antes era Paitrocínio, né? Meu pai que tinha que comprar tênis, joelheira e tudo mais. A mãe tinha que apoiar o pai tinha que dar dinheiro para as viagens e uma série de coisas, eles sempre nos apoiaram. Na década de 1980, no início o campeonato brasileiro infante eles foram à Brasília, eles foram a Aracajú, sempre participaram muito, muito, muito. E eu vejo assim que não é nem só comigo porque as outras minhas amigas todas têm um carinho muito grande pelo meu pai e pela minha mãe por conta do que eles faziam que não era só pra mim. Quantas meninas eles

botavam no carro e levavam para casa... Encontrei com outra do Monte Sinai e ela falou assim: “Só consegui chegar ao último ano do juvenil porque seu pai que pegava”. Ele pegava a gente e deixava na porta da casa dela. Ela falou isso, acredita? Não é todo pai e mãe que tem paciência ou gosta, enfim... Meu pai, além de me incentivar ainda incentiva as meninas que ele achava que tinha potencial e que não podia desperdiçar, ele era realmente um apaixonado pelo esporte.

M.T. – No voleibol, quais os principais fatos ocorridos na década de oitenta você considera importantes?

L.O. – No voleibol? Na década de oitenta? Bom, eu acho que toda essa estrutura. Não posso deixar de destacar a organização da Confederação Brasileira. Eu acho que a gente teve muito problema e ainda tem como muitas confederações e o voleibol é, querendo ou não, politicagem à parte, dirigentes à parte, o voleibol conseguiu se organizar e conseguiu vislumbrar o marketing esportivo naquela modalidade que podia ser o que é hoje, os ginásios lotados com patrocinadores e tudo mais. Eu acho que foi essa sacada dos dirigentes de perceber o potencial, de convencer os empresários que era uma coisa interessante investirem ali. A imprensa também, não é? Eu acho que a gente pegou uma geração que eram de meninas saudáveis, que era um pessoal bonito de ver jogar e na década de oitenta teve muito isso também. Hoje tem muitos jogadores que a gente pode destacar, mas acho que tinha muita gente que jogava muito bonito, a plasticidade entendeu? Tinha uma galera que subia pra atacar de forma muito bonita e era bonito de se ver jogar eu acho que a década de oitenta teve muito disso também e as conquistas da geração de prata do masculino, no feminino a gente veio com Isabel, com a Vera Mossa, a galera desbravando, a gente já beliscando ali, querendo chegar entre os quatro primeiros e eu acho que esses resultados foram fantásticos. A transmissão televisiva também que massificou a modalidade e isso foi fantástico. O intercâmbio que a gente começou a fazer, ontem também, por coincidência, eu encontrei uma japonesinha que é japonesa, mas fala português e está aqui divulgando um livro não sei há quanto tempo está aqui e ela me reconheceu da novela, ela disse que assistiu a novela e veio falando aquele português nipônico: “Você é da novela?” Eu disse: “Sou e conheci o seu país”. Porque na minha geração eu joguei vôlei e fui umas três ou quatro vezes, no mínimo, porque fizemos muito intercâmbio, porque o Brasil precisava melhorar a parte defensiva e aí a defesa

do Japão era tudo e hoje em dia é ao contrário, elas estão vindo aqui no Brasil para aprender como se faz. Mas a gente tinha esse intercâmbio e isso era muito legal, então eu acho que essa década de oitenta foi essa virada. Tiveram os materiais esportivos, nós fomos cobaias de tênis, de joelheiras, estavam tentando fazer material nacional. Hoje já se faz uma coisa de boa qualidade, mas na época eu acho que foi uma geração cobaia também, entendeu? Em vários aspectos, tanto em treinamento físico também. Os preparadores físicos testavam muitas coisas novas na nossa geração e viam o que dava certo e o que não dava certo para prosseguir. Eu acho que foi uma geração que foi muito fértil, já que precisava testar o que era inédito, né? Mas foi uma geração cobaia [risos].

M.T. – De todos esses acontecimentos que você citou qual você considera o mais importante?

L.O. – Mas, assim para mim ou para o esporte?

M.T. – No voleibol para você.

L.O. – Na década de oitenta, o mais importante para mim foi a participação na Olimpíada. Isso como eu coloquei foi o sonho de qualquer atleta em qualquer modalidade, disputar os Jogos Olímpicos. A partir do momento que eu entrei ali e me vi em Los Angeles entrando ali naquela Vila Olímpica eu falei: “Gente é isso”. Eu acho que pra mim marcou muito ter conseguido me manter na seleção em 84 e 88 já que eu fui a Seul também. Então foram dois acontecimentos assim muito marcantes na minha vida e não só na minha porque o fato do Brasil estar sendo representado no vôlei feminino em uma Olimpíada seja por conta de um boicote, não importa. Nós somos sei lá quantos países, então, separar oito ou dez para uma Olimpíada a pessoa tem que ter essa noção, quando você fica em sexto numa Olimpíada ou em um mundial. Se no mundo tem mais de cem países, então isso é uma coisa que tem que se levar em conta, a cultura esportiva tem que perceber a importância que isso tem.

M.T. – Então qual episódio ou quais os episódios marcaram a tua carreira na década de oitenta?

L.O. – As duas olimpíadas. Os campeonatos brasileiros que eu ganhei também, porque eu ganhei cinco campeonatos brasileiros e isso é bastante coisa. Eu ganhei uma Copa Brasil, porque também foram mudando as nomenclaturas do campeonato. Eu fui jogadora de meio e em 1982 foi minha primeira participação como titular jogando de ponta no Flamengo. A gente ganhou em Minas Gerais pelo Flamengo. Essa Copa Brasil de Clubes foi meu primeiro campeonato importante e eu sendo juvenil ainda. Aí depois veio o primeiro campeonato conquistado foi em 1983 pela Supergasbrás e pela Supergasbrás eu ganhei três campeonatos (1983, 1984 e 1986). Aí, em 1987 eu ganhei pela Lufkin. Então, foram quatro campeonatos. Esses campeonatos brasileiros de clubes foram assim incríveis. Eu joguei com a Fofão, nós jogamos o campeonato mundial de clubes, a final de clubes, a final foi Sadia e Pão de Açúcar no Ibirapuera que também foi fantástico e aquele ano a gente jogou todos os campeonatos possíveis [risos].

M.T. – E quais as principais dificuldades que você enfrentou no esporte na década de oitenta, Lica?

L.O. – Dificuldade? É tem as dificuldades de você enfrentar um time aqui, outro ali, mas fora isso... Eu não vou dizer que foi fácil não, mas eu acho que eu encarei. Tive as dificuldades técnicas que acho que enfrentei treinando muito, entendeu? Sempre procurei me superar. Se eu tenho uma deficiência no passe, então acabava o treino eu tava ali. Vamos treinar mais uma horinha de passe? Vamos. Eu estava sempre disposta a me superar. Aí teve uma época ruim porque foi a transição do Ênio para o Jorjão. O Jorjão entrou em uma de tentar mudar tudo, ele tinha esse objetivo mesmo porque queria fazer com que o feminino subisse mais um degrau e isso é óbvio. Na primeira convocação que era um amistoso fora do país e ele não me convocou e aquilo ali pra mim foi duro. Na volta houve uma convocação oficial para o campeonato mundial e eu fui convocada, mas ali deu uma beliscada eu me lembro que foi um pouco traumático. Menos mal que não durou muito tempo, foi coisa de três meses, mas eu achei estranho não ter sido convocada. A parte da minha saída da seleção brasileira também não foi lá grandes coisas porque eu fui convocada em 90 com o Inaldo e aí em 91 eu fui convocada pelo técnico até que faleceu de Minas...

M.T. – Wadson.

L.O. – O Wadson resolveu me dispensar e eu depois de uma década de seleção e a forma como foi eu não achei muito simpática. Eu acho que chega nessa hora, tem que ter muito cuidado. Uma década na seleção brasileira. Por mais que tenha que se fazer a renovação e muito bem feita, por sinal, não é assim que se faz. Eu achei que ali houve uma falta de respeito. São mágoas assim que eu tive. Hoje eu acho que fui uma das pupilas do Jorjão, foi uma questão dele não me conhecer como pessoa, como atleta e logo em seguida rolou a convocação e a coisa do Wadson. Então eu acho que a forma como foi feita não foi legal, mas menos mal que fecha uma porta aqui Deus abre uma janelinha ali. Nessa época eu fui pra Itália e fui muito bem recebida. Fiz um trabalho muito bom. Foram duas temporadas fantásticas também, enfim... [risos].

M.T. – O que o voleibol trouxe de positivo para tua vida?

L.O. – Ah, muita coisa de positiva, como eu falei. Principalmente na minha formação, no meu caráter, como pessoa. Essa coisa de enfrentar a vida eu acho que isso foi o mais importante. Em relação de eu me estruturar, a relação interpessoal e isso acho que carrego pra sempre, não tenho como desvencilhar do que eu sou hoje. A minha postura na quadra, enfim, acho que eu destaco mais essa parte. Ah, e saúde também, não é? Acho que apesar de ter feito só um ano de Educação Física, porque era na Rural e era impossível conciliar com o vôlei, essa consciência corporal que o atleta possui, independente de você fazer educação física ou não. O atleta de alto rendimento, de tanto que ele lida com os preparadores físicos ele aprende tanta coisa que ele conhece muito o seu corpo. Não posso falar dos outros, mas o meu eu sei o que funciona e o que não funciona. Na sala de musculação vem o professor e eu palpito: “Não, eu sei que isso aqui não serve pra mim, isso aqui não vai funcionar”. Os professores ficam perguntando: “Você é professora de Educação Física?” Eu digo: “Não, é porque eu já conheço a máquina aqui”. [risos]

M.T. – O que significava pra você ser jogadora da seleção brasileira e o que você almejava?

L.O. – Hum, na época que eu fui jogadora da seleção brasileira era fantástico porque foi o “boom” do voleibol, as pessoas começando a reconhecer a gente até na rua porque os jogos

eram transmitidos, a gente já tinha fã clube, enfim, isso era muito, muito engraçado. A plasticidade, a beleza das jogadoras de vôlei, coisa que nem passava pela cabeça. Eu lembro que certa vez eu dei uma entrevista depois de um Campeonato Mundial e tudo que você está perguntando eu falei para a jornalista porque eu a encontrei recentemente. Ela me entrevistou horas e eu falei do campeonato que aconteceu na Tchecoslováquia e a foto que saiu era uma foto minha de lado assim, falando do meu bumbum, que fez sucesso. Eu liguei para ela e falei “Peraí, te dou uma entrevista de duas horas e a matéria que sai é falando que o que fez sucesso lá não foi meu vôlei”. Hoje, as pessoas tiram de letra. Hoje eu talvez desse risada e tentaria fazer dinheiro com isso, entendeu? Hoje em dia é outra cabeça. Mas, eu me diverti muito e quando começou a virar um sacrifíciozinho é que eu achei que era hora de pendurar as joelheiras. Quando eu chegava ao treino e perguntava quanto tempo tem que ficar aqui é porque não estava mais dando certo.

M.T. – E o que representou pra você participar dos Jogos Olímpicos?

L.O. – Aí eu acho que foi o ápice. Eu consegui jogar duas. A Fofão jogou quatro ou cinco e isso é fantástico porque é muito difícil você se manter por tanto tempo. Mas, participar das Olimpíadas foi é o máximo, porque na hora, no momento que você está ali, você vê aquilo como uma consequência de você treinando bem, jogando bem, você vai ser convocada, o seu time vai jogando bem você vai classificar e você vai e essa ficha cai de repente. Hoje a ficha cai com mais peso até, quando eu vejo a gente ali naquele estádio eu falo: “Gente, eu estava ali. Eu era uma daquelas ali e o povo estava ali para me ver. Eu era uma das pessoas que o pessoal estava indo pra assistir, entendeu?” Isso é muito. Você olha o mundo ali, que ali você realmente... O mundo, todas as cores, todas as caras. É uma coisa fantástica, uma sensação muito difícil de descrever. A gente tentava fazer o intercâmbio que começou nos anos 1980, mas não tinha tanto. Hoje as meninas jogam na Rússia, outras vão jogar na Itália, aí tem um adversário que é seu companheiro no clube e isso acontece demais agora, mas naquela época [não] era assim. Conter o deslumbre também na década de 1980 era muito complicado pra gente, entrar numa vila olímpica: “Quem é aquela ali? Você conhece? Gente é fulano.” Quando você vai para um campeonato mundial você faz parte da nata do vôlei “Ah, são as meninas do vôlei”. E você está acostumada, agora em uma Olimpíada são ídolos de modalidades diversas e você realmente fica balançado, tem que ter um foco, uma

concentração muito grande para cumprir o objetivo. Eu lembro que em 1984 nós estávamos assim: “Uau, o nosso time”. E para conter o deslumbre foi complicado. A gente amadurece hoje a equipe é bem madura. A sementinha foi plantada ali e tudo isso faz parte. É um amadurecimento chegar numa competição como essa e a postura da equipe ser diferente. Você falou que 1980 foi a primeira Olimpíada que a gente participou, então, quando a gente participou em 1984, o Brasil estava ali fresquinho naquele tipo de competição. Hoje é diferente e esse lastro tem que ter [risos].

M.T – Como foi pra você conciliar as demandas do voleibol com a tua vida pessoal na época de jogadora?

L.O. – Era duro porque eu treinava demais, treinava de manhã e à tarde o que dava uma média de seis a sete horas por dia de treinamento. Eu consegui terminar meu ensino médio, agora a faculdade foi toda quebradinha. A minha primeira faculdade, eu passei tinha 17 anos e era uma faculdade longe. Fiz um ano e tive que trancar. Daí eu comecei a fazer várias faculdades quebradinhas, então pra conciliar os estudos era muito complicado e fora que não sei como está hoje, mas é uma coisa que fico batendo sempre quando tenho oportunidade eu falo: “Porque as universidades elas não dão mais oportunidade para o atleta?” Como jornalista eu tive a oportunidade de conversar com uma menina do water pólo que jogou na Itália e jogou acho numa equipe americana, numa universidade. Ela é brasileira e disse que quando a equipe da universidade americana estava na fase de concentração e elas tinham que ficar dois meses em algum lugar, os professores iam até lá, alguém ia aplicar a prova ou dar algumas aulas, para que elas não perdessem o período. Isso talvez explique por que os Estados Unidos são uma potência no esporte. Os atletas param de jogar e estão todos formados, então tem que ter uma política de forma que os atletas consigam estudar porque é muito rápido. Vai batendo na casa dos trinta, trinta e um, trinta e dois e já começa. Depois é bem dura a realidade, quando a gente para. Eu passei por um período complicado e todas nós passamos. É uma ou outra que tem uma família estruturada financeiramente pra seguir, mas isso não é comum. Isso é uma ou outra, então eu acho que essa coisa dos estudos tem que ser conciliada com os treinamentos. Você vai fazendo aos pouquinhos, três matérias ou quatro, mas o atleta não pode parar e nem ficar de fora. Eu acho que o atleta precisa diversificar e não ficar fazendo uma coisa só. Inclusive, acho que isso ajuda o atleta a crescer e que estrategicamente ele consegue ver o

jogo de outra forma. O atleta que estuda tem uma cabeça mais preparada para compreender as táticas do jogo, com certeza.

M.T. – Como você percebia o olhar do outro sobre o seu corpo atlético?

L.O. – Isso também foi muito interessante porque foi conversado recentemente. No início dos anos 1980 começamos a fazer musculação porque também era outra coisa que não se fazia, tanta musculação como se faz hoje, com essa consciência que você precisa ter um músculo bem forte pra aguentar bater duzentas bolas. Que tem que ter o quadríceps forte pra conseguir dar duzentos saltos, enfim, isso estava meio que se trabalhando ainda no início dos anos 1980. Semana passada eu encontrei até com uma amiga do meu time do infante e ela me disse que o namorado não queria que ela fizesse musculação porque ele não gostava de mulher musculosa. Eu já tinha um biótipo atlético por causa do atletismo e achava legal. A minha perna já era uma perna torneada antes de começar a malhar demais, eu já tinha muita facilidade pra pegar essa massa e ficar definida. Aí, no início dos anos 1980 essa coisa foi mudando, veio aquela coisa meio andrógena sei lá, que foi uma beleza que as meninas tinham. Hoje é completamente diferente. Antigamente era pouco seio, aí chega a Madonna também com aqueles músculos todos, então de repente a gente virou, as meninas do vôlei viraram assim o desejo. Todas as meninas e mulheres queriam ter o corpo das meninas do vôlei, entendeu? E aí era muito estranho, porque a gente recebia convite pra posar pra Playboy, eu acho que todas as meninas receberam ou quase todas da seleção brasileira da época. Eu recebi e falei: “Nossa, que absurdo, jamais”. Como eu vou chegar no borracheiro e ver minha foto lá? [risos]. Então era muito engraçado. Eu descobri essa sensualidade através do esporte já que pra gente no início não era assim. Hoje elas jogam de bermuda, a gente jogava de sunguinha, então tinha vários elementos que hoje em dia as meninas até procuram, é o cabelo, é a maquiagem e tal, mas a gente nem tinha essa vaidade toda e chamava muita atenção. Talvez pela naturalidade... Hoje em dia dá até para dar uma turbinada aqui, botar um negócio ali, jogar de maquiagem definitiva, mas na época era tudo in natura mesmo, entendeu? Não tinha essas possibilidades e realmente chamou muita atenção. Depois você começa a perceber que a gente realmente marcou uma época [risos].

M.T. – Lica, como era a rotina de treinamento da seleção, fala um pouco sobre lesão, sacrifício, superação, como era isso?

L.O. – Era duro. Como eu falei a geração 80 foi uma geração cobaia, eu felizmente tive algumas facilidades porque eu saltava bem e não tinha tendência a engordar porque nós tínhamos percentual de gordura a perseguir, porque nós tínhamos toda semana uma pesagem, aquele aparelhinho pra medir qual o percentual de gordura e tudo isso aí era duro, mas eu felizmente nunca tive restrição de não comer a sobremesa, porque algumas atletas não podiam comer a sobremesa, não podiam tomar refrigerante. Às vezes era só no final de semana e era um controle super rígido. Nós tínhamos marca para atingir na corrida e eu repito, eu talvez não tenha sofrido tanto porque felizmente, graças a Deus, eu não tinha dificuldade de atingir essas metas fisicamente. Sempre mantive meu percentual de gordura, sempre bateu ali tranquilo, nunca fui proibida da sobremesa, nunca fui proibida do refrigerante, apesar de não curtir muito refrigerante, então não era sacrifício. Sobremesa eu gostava muito à noite que é completamente fora, de acordo com alguns estudos. Mas, eu adoro frutas... Então eu digo assim eu não posso chamar isso de sofrimento, mas eu vi minhas companheiras que sofriam com isso, com essa restrição alimentar, com bater metas em relação à parte física. Por exemplo, a gente subia às 7h da manhã para as Paineiras. É sacrifício? É sacrifício, mas a gente vai ver o resultado depois, entendeu? Agora a parte pior eu acho que é a questão da lesão, eu tive alguns problemas no joelho, mas nada que me levasse a uma mesa de cirurgia e isso foi resultado de muita fisioterapia, muita musculação. Eu fazia muito reforço muscular pra conseguir jogar... Também tive algumas entorses de tornozelo, até porque a questão de como eu pisava era errada e quando foi detectado o problema eu passei a trabalhar arrumar palmilha que uso até hoje, um tipo de palmilha pra jogar. Então aos poucos a gente vai segurando e assim eu acho que lesão eu não tive nenhuma que tivesse me tirado de um campeonato importante, talvez uma pontual ou outra, mas nada que tivesse feito eu perder um campeonato, felizmente.

M.T. – Na tua opinião havia diferenças entre o voleibol feminino e o voleibol masculino na década de oitenta?

L.O. – Sim, total [muitos risos]. Porque assim, os meninos conseguiram a medalha de prata logo, em 1984 e aí era nítida a diferença, entendeu? A gente percebia que tudo chegava primeiro para o masculino, depois, se sobrasse, era pra gente. A gente percebia e as meninas... Algumas gritaram, a gente tentava apoiar e tudo mais, mas isso era notório, totalmente.

M.T. – O que representou o voleibol feminino na década de oitenta na tua percepção em nível nacional e internacional?

L.O. – Na década de oitenta? Então, em nível nacional acho que a organização da Confederação em relação aos campeonatos brasileiros. Acho que a cada edição do campeonato novas coisas eram acrescentadas, foi melhorando o nível técnico, novas atletas iam despontando e em nível internacional... Por exemplo, eu disputei o campeonato mundial na antiga Tchecoslováquia, hoje República Tcheca, em 1986 e nós ficamos em quinto lugar, ou seja, quinto lugar é assim um passo para entrar entre os quatro e disputar semifinal e final. Então, ali eu acho que foi metade da década, que a gente percebeu que tava tendo uma mudança e que o Brasil podia beliscar sim, que a gente tava no quase. Era aquele papo de morrer na praia que era muito doloroso pra gente, entendeu? Tipo fazer um jogão contra a China e a gente sabia que a China era uma potência. O Peru teve uma geração muito boa e parou e o Brasil felizmente não parou naquilo, muito pelo contrário, a gente evoluiu fisicamente. Hoje nós temos atletas com quase dois metros de altura. Tudo bem, nosso país tem quase não sei quantos Perus, em termos de território e população, mas o fato é que houve um trabalho bem feito em todos os setores. Tanto os professores de Educação Física, os preparadores foram ver o que era melhor pra conseguir com que aquele atleta pudesse dar um pouco mais e foram testando, aparelhos, marcas esportivas... Quando a gente fala geração cobaia é importante ressaltar também que as pessoas não ficaram paradas. Todos os setores trabalharam para que o voleibol chegasse ao patamar que está hoje. Tudo mesmo, medicina esportiva, preparadores físicos, empresas, todos trabalhando para o voleibol indoor e de praia também, que praticamente começou naquela década e hoje a gente exporta profissionais.

M.T. – O que a geração dos anos oitenta deixou para as gerações seguintes na tua opinião?

L.O. – O que ela deixou? Acho que deixou essa beleza de jogar, porque muita gente, tanto atletas quanto torcedores, quando eu posto as minhas fotos dizem “Ah, eu aprendi a gostar do vôlei com vocês, era tão bonito ver vocês jogarem”. Eu acho que a nossa geração plantou essa sementinha nas crianças que assistiram e as meninas queriam ser uma menina do vôlei, uma musa do vôlei. Eu falo não só na parte atlética, mas também na parte estética e eu acho que isso é incrível. A gente multiplicou o número de apaixonados pelo voleibol, tanto para praticar quanto para torcer. Chegaram os empresários, a Isabel foi capa da Veja, a Vera Mossa foi protagonista do filme Rock Estrela. Nós jogávamos no mesmo time, a Supergasbrás, e foi a minha primeira fala como atriz. Eu lembro que eu fui escolhida para dar uma fala e eu fui a única que entrou e falou e mal sabia que algumas décadas depois eu seria atriz. Isso é muito incrível. Enfim, o vôlei se misturou com a arte, com o rock, com novela, você lembra? A novela Barriga de Aluguel, a Cássia Kiss era uma jogadora de vôlei e vôlei estava bombando na época. A minha irmã, a Ellen, fez uma participação jogando no time da Cássia Kiss. No elenco tinha a Cláudia Abreu também, um sucesso. O voleibol era da hora [risos].

M.T. – Lica, quando você parou de jogar, em qual clube você estava e por que você parou?

L.O. – Então, meu último clube foi o Paulistano, eu já estava pensando... Na década de 1990 eu joguei na Atlantictur e Rioforte antes de ir para a Itália porque eles queriam montar uma equipe forte para classificar para o Brasileiro e o Marco Aurélio era o técnico. Nessa volta, quando eu saí do Pinheiros eu tentei jogar vôlei de praia pra voltar pro Rio porque eu passei quase a década toda fora do Rio, pois não tinha equipe aqui. Foi a época do Plano Collor e as equipes do Rio acabaram. Foi quando eu fui para São Paulo, depois Itália, Minas, não sei. Eu sei que estava doida para voltar pro Rio e tentei a praia, mas não rolou. Então eu comecei a vislumbrar outros horizontes: “Ah, eu vou fazer vestibular, fazer jornalismo”. Comecei a estudar resgatar meus estudos até porque mais dois anos e eu já estava parando. Aí eu joguei pelo Paulistano o campeonato brasileiro, em 1998. Então, logo depois eu voltei para a Itália porque o meu marido estava trabalhando lá, na época. Então você imagina: eu aqui, meu marido lá, com o meu filho nascendo em 1999. Eu parei de vez [risos].

M.T. – E como foi a decisão de parar de jogar?

L.O. – Foi meio que natural, não foi traumática. Infelizmente, eu tentei até voltar depois que meu filho nasceu, cheguei a treinar um pouquinho na equipe do Vasco, mas ali não era uma volta. Eu achei até que eu fiz um ciclo que eu joguei todos os campeonatos, joguei pan-americano, joguei mundial, joguei sul-americano, joguei olimpíada, joguei tudo que se pode imaginar, viajei esse mundo, conheci muitos países por conta do voleibol, conheci o Brasil, muitos estados do Brasil por conta do voleibol, então eu já estava satisfeita. Essa volta era mais por conta da questão financeira por que eu me perguntei: “O que eu vou fazer agora, com filho pequeno?”. Foi por isso que ensaiei a volta, mas aí teve a coisa da pontuação, o ranqueamento. Eu tinha acabado de ter meu filho, meu filho estava na época com seis ou oito meses. A Isabel que era técnica do Vasco falou: “Lica, não dá nem pra você voltar porque eu só posso botar um número x de jogadoras de seleção”. E como eu já tinha sido da seleção não dava. Ali eu desisti, voltei para a Itália, onde fiquei mais dois anos e em 2001 eu voltei definitivamente para o Brasil. Então, eu parei em 1998. No período que eu fiquei na Itália depois de 1998 eu trabalhei como treinadora de crianças de 10 a 14 anos, em uma escolinha. Meu marido era o técnico e eu era assistente dele em alguns jogos.

M.T. – E como foi a transição a partir do momento que você decidiu parar de jogar?

L.O. – Então lá na Itália ficava trabalhando com essas crianças. Trabalhei um pouquinho com a base, mas era assim tipo escolinha, duas vezes por semana e cuidava do meu filho pequenininho e com a minha vida na Itália... Estava pensando em ficar por lá e só não deu certo porque a equipe que meu marido trabalhava na época perdeu e como tava perdendo no campeonato é igual campeonato aqui, o time que tá perdendo o técnico é dispensado, além disso, teve problema que não tava recebendo e a gente resolveu voltar pro Brasil em 2001. Quando eu voltei estava com filho pequeno e aí eu falei: “Vôlei acho que não vai dar porque eu to parada e tinha essa coisa do ranqueamento”. Então, reabri minha faculdade, acho que eu já tava no sexto período porque eu tinha trancado jornalismo, fora isso eu já tinha feito oficina de atores da Rede Globo. Foquei no jornalismo e foi um período duro porque sair de um salário de jogadora de vôlei que na minha época era bom e hoje é excelente... [risos] Na época era um bom salário, pagava todas as minhas contas, enfim, era um salário confortável. Sair desse salário para de estagiária de jornalismo, que você deve conhecer. Enfim, passei a ser estagiária de jornalismo da universidade, onde eu trabalhava e foi um baque muito grande.

Eliani Miranda da Costa Oliveira (Lica)

Precisei tentar ganhar bolsa de estudo porque não tinha como pagar a faculdade com filho. Muito louco tudo isso, foi barra. Foram dois anos assim... Mas eu fui trabalhei no núcleo de comunicação da faculdade, consegui bolsa na faculdade e aí me formei. Aí fui pro núcleo de comunicação comecei a trabalhar no núcleo na parte de TV, tudo de TV eu fiz de tudo, até câmera, fiz de tudo na parte de TV na faculdade e aí nessa eu falei: “Vou procurar um grupo de teatro que eu quero fazer telejornalismo, não quero ir pra redação de jornal, quero fazer televisão”. Porque eu gostava da linguagem, gostava de escrever e eu via que eu tinha jeito. Aí fui procurar o teatro, na época aqui no Barra Shopping tinha um grupo de teatro, agora nem tem mais teatro lá no Barra Shopping, mas era um grupo chamado Rei Ator, um grupo amador que a gente reunia aos finais de semana. Fiz quatro meses e fui à Globo pra fazer um trabalho para a faculdade, um trabalho de jornalismo e acabei sendo convidada pra fazer um cadastro lá dentro e aí minha vida mudou completamente. Mas isso que estou falando não foi tudo rapidinho não porque aí são dois anos de ralação, muita água debaixo dessa ponte aí [risos].

M.T. – Voltando um pouquinho, você sente saudade da época em que você jogava?

L.O. – Eu sinto uma saudade, mas é uma saudade que não é nostálgica, uma saudade assim muito legal, tipo se vou a um ginásio adoro encontrar as meninas vou a um jogo assistir e não consigo assistir porque a gente fica falando mais com as pessoas na arquibancada. “O quê? Já tá acabando o set?” É muito complicado... Mas rola uma saudade boa... Não é assim nada nostálgico não tem nenhuma mágoa, graças a Deus, de nenhuma equipe, nem na Itália. Eu acho que eu fui muito feliz nas equipes que eu joguei entendeu? Então é uma saudade muito legal e eu voltaria e fazia tudo de novo, do mesmo jeito.

M.T. – O que mudou na tua vida depois de você ter parado de jogar?

L.O. – Eu parei de jogar 2001. Foi um período bastante complicado profissionalmente. Felizmente eu consegui me formar porque muitas não conseguem. Consegui recomeçar, concluir uma faculdade, eu me formei em 2003. Consegui me formar em jornalismo e fui buscar uma profissão. É difícil, mas a gente vai indo. Eu demorei nove anos para engravidar por causa do vôlei, porque cada ano num lugar é complicado. Por isso tive meu filho mais

tarde em relação as minhas amigas e filho e faculdade e monografia, não sei como dei conta. Aí rolou de fazer novela. Foi ano que fiz novela, teatro, musical pela primeira vez. Então, eu cantando, com filho pequeno, monografia, acho que ali foi a minha prova de fogo. Mas eu fui superando porque assim tem esse detalhe quando a gente faz o que gosta... Se eu tivesse saído do vôlei e feito uma coisa que não gostasse eu poderia ter me transformado em uma pessoa amarga, lamentando o tempo inteiro, mas eu saí de uma coisa e fui pra outra totalmente apaixonante pra mim. Então, eu acho tudo maravilhoso. Ralo, mas eu ralo feliz da vida [risos].

M.T. – E qual momento da sua vida você foi mais feliz quando você jogava ou depois de ter parado de jogar? E por quê?

L.O. – Não, eu fui feliz sempre. Fui feliz jogando, sou feliz agora. Eu adorava jogar vôlei... Ficava super amarradona de sair cedo da festa porque eu tinha que acordar no dia seguinte cedo, entendeu? No finalzinho já achava um saco arrumar e desarrumar mala, isso eu posso confessar. Hoje eu amo viajar, mas viajei demais. A gente não curtia os lugares, conhecia hotéis, ginásios e aeroportos, mas não era turismo. Hoje eu procuro fazer turismo, mas conheci muitos lugares nos dias de folga. Não sabia se fazia compras ou se visitava os pontos turísticos, era meio assim. Não posso dizer que eu fui mais feliz... Os momentos da minha vida eu procuro fazer o que eu gosto e tá ao lado de pessoas que eu gosto e eu acho que isso faz com que eu seja totalmente feliz [risos].

M.T. – E você trabalhou profissionalmente com o voleibol depois que parou de jogar?

L.O. – Não, eu tive essa experiência muito pouca lá na Itália porque eu tava com filho pequeno e nosso meio era o voleibol e meu marido na época era técnico da equipe da cidade. Era uma coisa bem light e aqui no Brasil profissionalmente também tive uma escolinha no colégio do meu filho, em Jacarepaguá, uma vez que a gente morou lá no bairro, mas foram assim também três ou quatro meses, porque aí logo pintou coisa pra fazer na TV e eu tive que deixar. Profissionalmente eu tive uma passagem pelo Esporte Espetacular como apresentadora: “Fiz tudo, menos matéria de vôlei”. A única matéria que eu consegui fazer como repórter foi de nado sincronizado, então não tive muita experiência, nunca comentei um

jogo de vôlei na TV, mas nunca comentei por falta de convite mesmo, porque, engraçado, o vôlei depois que eu parei realmente ele não cruzou a minha vida, mas eu não sei o que ainda vem por aí [risos].

M.T. – Qual a sua ocupação hoje em dia?

L.O. – Então, eu sou atriz e jornalista e eu trabalho numa produtora. Sou locutora, apresentadora, sou aquela que falou em comunicação eu tô dentro. Então eu trabalho como atriz e quando não estou atuando também trabalho como produtora de cinema, onde eu trabalho fazendo vídeos instrucionais, roteiros e locução. Trabalho com muita locução e isso é a minha vida (risos).

M.T. – E o que o voleibol significa pra você Lica?

L.O. – Ah, o voleibol significa... “É vida, é saúde, é vitalidade, resignação, sacrifício, significa também uma forma de vida”. De uma brincadeira que eu escolhi se tornou uma coisa profissional, então acho que é isso, o voleibol pra mim hoje é até uma forma de viver, porque a gente meio que é... Quem jogou vôlei eu acho que tem uma maneira de... A gente tem uma linguagem própria. Ontem eu postei uma foto do Cassius Clay, que a gente tirou durante os Jogos Pan-americanos. Foi um dia de compras, a gente saindo do shopping e ele lá, debilitado por causa da doença, ele estava com a irmã e pedimos para tirar a foto e ela ficou comigo. Ontem eu postei: “Meninas, olha o que eu achei”. Estavam a Tina, a Patrícia, a Regina Uchôa, a Vânia, várias pessoas nessa foto e só eu tinha, não sei por quê. Elas ficaram enlouquecidas, inclusive a nossa intérprete está na foto e eu perdi o contato, óbvio e ela me pediu muito que eu enviasse essa foto na época, que fizesse uma cópia e enviasse pra ela e eu nunca enviei porque eu perdi o contato dessa menina, ela mora nos Estados Unidos... Aí eu postei ontem e como eu tenho amizades diversas, as pessoas não estavam entendendo e nem conseguiram me identificar, identificaram ali como um time de vôlei achando que além de montagem acharam que eu tava desrespeitando o Mohamed Ali por ter colocado assim: “Meninas, olhem o que eu encontrei”. Nós nos tratamos assim por meninas. Tem gente com sessenta e são meninas sempre, a gente se trata por meninas do vôlei. Enfim, olha que confusão.

M.T. – Lica pra terminar qual foi o principal legado que o voleibol deixou pra sua vida?

L.O. – O principal legado, as amizades, eu falei essa facilidade na relação interpessoal, disciplina, disciplina em relação ao trabalho, em relação ao corpo, em relação aos trabalhos de uma forma geral e responsabilidade. Acho que tudo isso ficou o respeito à hierarquia, de entender o funcionamento, a coisa da estratégia da própria vida dá pra se comparar, dá pra fazer uma analogia, uma coisa bem análoga à vida de uma forma geral. Acho que um esporte como o vôlei que foi o meu esporte, eu tento associar, mas o esporte de uma forma geral ele dá isso. Quando eu tenho essa oportunidade de conversar com vários desportistas, até no programa que eu te falei, eu conversei com vários lá e a gente tem muita coisa em comum e seja qual for. A última menina que entrevistei foi do tiro com arco, não da esgrima e tinha muita coisa em comum e eu não sabia nada de esgrima e foi uma aula assim e a gente bate um bolão porque as coisas se encaixam. Vida de atleta [risos].

M.T. – Você gostaria de fazer algum comentário ou deixar algum depoimento sobre os temas que foram abordados nessa entrevista?

L.O. – Daqui a dois anos recebendo uma Olimpíada acho que vai ser um momento único. Na época eu fiquei meio assim do fato de ter participado de duas Olimpíadas, de ter visto como funciona uma cidade, um país em relação à Olimpíada, como a população reage a isso, porque eu fui recebida por muitas pessoas, tanto em Seul com uma cultura completamente diferente, quanto nos Estados Unidos. Então por um momento eu fiquei meio receosa: “Será que vai dar pra gente?” Apesar do brasileiro ser apaixonado por esporte, gostar de torcer tem que ter um upgrade em relação não só a torcedor, a gente tem que tá junto porque a população joga junto, a população é família, a gente chama família olímpica. O carioca, quem mora aqui nessa cidade vai passar a fazer parte da família olímpica, entendeu? Então todo mundo tem que jogar junto e eu tinha esse medo. Eu me surpreendi na Copa positivamente. Achei maravilhoso o comportamento da cidade de uma forma geral. Então, a minha mensagem que eu tenho é essa: “Vamos nos preparar Brasil, Rio de Janeiro pra receber esses Jogos Olímpicos que tão vindo aí”. Os atletas estão fazendo a parte deles. Outra coisa que sempre me preocupou também foi a cultura de uma forma geral do atleta de alto nível e a cultura desportista, assim do empresariado, das universidades. O meu sonho é que as universidades

consigam encontrar um meio-termo, uma forma que o atleta consiga conciliar também, esse é o meu sonho dourado. Não sei quando isso vai acontecer, mas que a gente consiga arrumar esse meio-termo, que seja valorizado o esporte universitário. A mentalidade precisa mudar. No mais é desejar uma ótima Olimpíada pra gente. Valeu querido!

[FINAL DA ENTREVISTA]